o giro do discurso em um caso de neurose obsessiva[1]

LENITA PACHECO LEMOS DUARTE

[1] Trabalho apresentado na Jornada de Formações Clínicas do Campo Lacaniano: A direção do tratamento na clínica dos discursos, II, Niterói, 2000) e no Fórum Nacional da Associação Fóruns do Campo Lacaniano: O que se espera de um psicanalista ?, II, São Paulo, 2001.

introdução

NA CLÍNICA PSICANALÍTICA, DEFRONTAMO-NOS com os mais variados sintomas, que indicam enigmas a serem decifrados. No discurso do sujeito, algo tende a se repetir, retornando em sua fala, no dito e no dizer e fazendo emergir conteúdos que por vezes causam estranheza, surpresa ou mesmo horror ao analisante, que tende a considerá-los alheios a si ou incompreensíveis a seu entendimento. Ora são trazidos sofrimentos e angústia suscitando dúvidas e interrogações, ora se apresentam por meio de obsessões, fobias, inibições ou conversões e sofrimentos no corpo.

Aprendemos que o sintoma constitui uma formação do inconsciente, uma formação da linguagem. O sintoma fala, jogando com o equívoco da língua. Ele condensa uma significação, segundo Freud, e, como indica Lacan, é uma metáfora cuja função é dar consistência de ser ao sujeito, que, no lugar de sujeito do inconsciente, é da ordem da falta-a-ser.

Para que se inicie uma análise, não basta que um sujeito queira se conhecer melhor, é preciso haver uma queixa endereçada a alguém que possa lhe dar um saber sobre sua dor. Então procura-se um analista, um "mestre" que dê resposta a seu sofrimento, mas é justamente nesse lugar que o analista, em sua política de falta-a-ser, não atende à demanda do analisante. Assim, o sintoma como enigma retorna ao sujeito sob a forma de questão a ser decifrada, aparecendo como a própria expressão de sua divisão. Dividido de si mesmo pela barra do recalque, que impede que a verdade que se articula em seu inconsciente possa ser dita por inteiro.

De acordo com a clínica dos discursos, o discurso do analista permite o giro discursivo. O sujeito histérico é o inconsciente em exercício. É necessário instaurar o discurso do analista (Figura 4), que é o avesso do discurso do mestre (Figura 1), em que o analista é o agente que transforma seu analisante em produtor de significantes de suas particularidades, ou seja, torna possível a histerização discursiva (Figura 3), como indica Lacan em *O seminário – livro 17*.

M

$$\frac{S_1}{\not S} \rightarrow \frac{S_2}{a}$$

Figura 1

U

$$\frac{S_2}{S_1} \rightarrow \frac{a}{\not S}$$

Figura 2

H

$$\frac{\not S}{a} \rightarrow \frac{S_1}{S_2}$$

Figura 3

A

$$\frac{a}{S_2} \rightarrow \frac{\not S}{S_1}$$

Figura 4

Em uma análise, há somente um sujeito, o sujeito do inconsciente. O analista está presente como objeto *a* que faz o sujeito falar, promovendo o giro do discurso. Em termos lacanianos, como ensina Antonio Quinet[2], o discurso se refere não aos ditos, ao discurso concreto que se depreende da fala de alguém, mas sim a um laço social instaurado pelo instrumento da linguagem, que determina certas relações estáveis no interior das quais se inscrevem enunciados primordiais. O discurso para a psicanálise se diferencia do discurso para a lingüística por incluir um elemento heterogêneo radical em relação ao campo da linguagem, do inconsciente, estando, portanto, fora da cadeia de significantes, do simbólico. Como indica Lacan, trata-se do objeto *a*, objeto libidinal condensador de gozo, mais-de-gozar, causa de desejo e horror. Temos, assim, os discursos ou laços sociais tecidos pela linguagem e causados pela libido representada pelo objeto *a*. Lacan formulou quatro discursos – mestre, universitário (Figura 2), histérica e analista – como formas de a civilização tratar o gozo pela linguagem e localizar o sujeito. O discurso do mestre domina a civilização, constituindo uma das formas de laço social alicerçado na relação do senhor e do escravo.

[2] Quinet. *A clínica dos discursos* (1999-2001).

Uma entrada em análise torna possível a emergência do saber inconsciente. O inconsciente não tem um discurso, o inconsciente é uma linguagem que funciona de forma semelhante ao discurso do mestre. Como indica Lacan, esse discurso é o do poder, da lei imperativa que aliena o sujeito, uma vez que nele se impõe o S_1, o significante mestre, absoluto. É aquilo do qual se compõe o inconsciente, que põe um saber para funcionar a seu serviço para produzir o que está fora do sentido, fora da cadeia significante, o que pode indicar, por exemplo, a estrutura do chiste, do ato falho.

A proposta de meu trabalho é articular um caso clínico às clínicas das estruturas subjetivas ou clínica do sintoma e à dos discursos. Na primeira, interroga-se a estrutura do paciente: neurose, perversão ou psicose? Segundo Quinet[3], a clínica das estruturas se refere às três formas de negação do Édipo – recalque, desmentido e foraclusão – que traçam as vias de como o sujeito se coloca em relação à castração. Como respostas a esses três tipos de negação, encontramos na neurose os sintomas, classicamente histéricos e obsessivos, na perversão o fetiche e na psicose as alucinações e os delírios. Na clínica do sintoma, interessa saber o sintoma que o sujeito apresenta e qual o seu destino na análise. A passagem dessa clínica para a clínica dos discursos implica o estudo de como se dão os laços sociais para além dessas estruturas clínicas. Uma clínica não exclui a outra, as duas são necessárias. Tentar pensar de que maneira os neuróticos, perversos e psicóticos entram no laço social é importante não apenas para a direção do tratamento, mas também para a análise do discurso, para uma visão que o analista possa ter de como os discursos circulam na sociedade.

[3] Quinet. *As 4 + 1 condições da análise* (1991, p.23-25).

Tomando os quatro discursos, o sintoma (S) faz laço social. Quando o sintoma faz laço social, estamos no discurso da histérica. Também fazem laço social o significante mestre (S_1) no discurso do mestre, o saber (S_2) no discurso universitário e o objeto *a* no discurso do analista.

Para ilustrar o contexto pesquisado, apresento recortes de um caso de minha clínica que chamei de "Quem é Clara?".

histerização de um sujeito obsessivo

Marcos procura análise por estar muito preocupado, pois havia descoberto muitas dívidas em nome da firma da qual era "co-gestor". Sentiu-se enganado pelo sócio, responsabilizando-o pelos empréstimos, não sabendo como agir diante de tantas cobranças. "Para mim foi uma porrada ver cheques sem fundos nos bancos, restaurantes, até ver meu nome no SPC. E eu não sabia de nada! Comecei a pirar com essa história, com a minha boa-fé, passando a beber mais ainda e ficar mais agressivo. Há muitos anos que bebo, sendo aconselhado a buscar terapia, mas eu era muito refratário. No entanto essas dívidas me colocaram contra a parede, entrei em crise com esse conflito societário".

Durante as entrevistas preliminares, Marcos fala da situação angustiante que precisa resolver, acrescentando que me procurou por indicação de uma médica que me considera confiável. Diz que gosta muito de ler sobre religião, sociologia e

psicologia, trazendo inclusive recortes de jornais sobre Freud e Lacan, oferecendo-os à analista para um possível debate.

Marcos relata que não percebia que estava sendo enganado, não se dando conta do que acontecera. Alega que suas tarefas eram externas, passando dias sem ir ao trabalho, deixando que seu sócio resolvesse tudo sozinho. "Eu confiava nele, isso sempre acontece comigo". Como assim? "Compareço, depois me afasto, me omito, perdendo o controle da situação. Até de casa eu me ausento, indo sempre para o bar. Não consigo ganhar dinheiro. O que é que está havendo comigo? Por que preciso beber a ponto de me embriagar? Por que esses fatos se repetem?".

Assim o analisante, em sua impotência para resolver suas questões, endereça seu sintoma a uma analista confiável, identificada aos mestres da psicanálise, a quem supõe um saber sobre sua verdade, estabelecendo-se a transferência. Não respondendo do lugar de mestre, em sua política de falta-a-ser, a analista convoca o sujeito a associar livremente, tornando possível, assim, que o sintoma retorne como enigma para ser decifrado pelo analisante, que, ao se implicar nas questões, faz retificações subjetivas, sinalizando a entrada em análise.

Como indica Lacan em *O seminário – livro 17*[4], "se a palavra é tão livremente dada ao analisante, é porque se reconhece que ele pode falar como um mestre". E é desse lugar, então, que Marcos fala que sempre trabalhou em cima do pensamento, do racional, da simbologia, buscando certezas nos livros, quando salienta: "Me perco muito em palavras e conceitos, fico dias nessa coisa, misturado e preso em uma cadeia de palavras. Se penso na palavra meditação, vem reflexão, vem ego, vem eu, e assim vai". Acrescenta que fica deprimido porque não consegue concretizar nenhum projeto, "perpetrar coisa alguma", sentindo uma angústia "imobilista, inoperante, aparvalhante". Fala que ficou engessado ao virar funcionário público, só compilando dados para o chefe, ficando "fossilizado".

Lembra-se que, na infância, a mãe o alertava sobre a maldade, sobre o sexo, a não ir na conversa de ninguém. Até que um rapaz lhe ofereceu bolas de gude transparentes que o deixaram fascinado, e ele embarcou na sedução. Alega que não houve penetração, só bolinação, ficando satisfeito com a troca. Isso nada significou para ele, até ouvir alguém dizer que o sexo era coisa proibida, que fulano transou com sicrano, quando percebeu que fora sacaneado. "Caí na real, empalideci, me senti um criminoso". Sentiu-se angustiado, com sentimentos de culpa por haver concordado em participar daquela relação, se auto-recriminando.

[4] Lacan. O seminário – *livro 17: O avesso da psicanálise (1969-1970)* (1992, p.35).

Afirma que a questão de seu pai é que não aconteça nada para que não se dê nada funesto. É melhor ficar em casa que sair, jogar, chutar, ser aplaudido ou vaiado. Ficando no banco de reservas, não acontecerá nada. Mas, segundo Marcos, é melhor ser vaiado 49 vezes em cinqüenta chances e acertar só um gol que não chutar, não tendo nenhuma chance de fazer gol. Acrescenta que não conseguia pegar no volante porque o pai sempre dizia: "Cuidado, você vai se acidentar". Durante uma viagem, contou, em 45 minutos, 32 duas coisas negativas que o pai falou. Diz que não percebia que isso tinha relação direta com ele, achando tudo folclórico, pensando que o pai era pirado. "Quando eu era pequeno, tinha medo de não acreditar em Deus, pois ensinaram-me que eu ia me dar mal se não tivesse essa crença. Minha vida foi moldada por procurar certezas na religião".

Relata que começou a beber ao tentar romper com os valores familiares: "Sempre endossei os dogmas religiosos, vivendo de reflexões e assertivas do hinduísmo, do budismo, do islamismo, do Alcorão e da Bíblia cristã, que faziam parte de minha bibliofilia". Bibliofilia? "É, quer dizer, mania de colecionar livros". Comenta que, se não fosse esse saber, sua iconografia psíquica seria outra. Iconografia? "Sim, são as várias imagens mitológicas que construí em função da leitura da Bíblia". Após o rompimento com a família, ligou-se a um grupo de artistas e intelectuais, dizendo que seu batismo foi um grande "porre". Com o tempo, afastou-se dessas pessoas por julgá-las "culturalescas", refugiando-se na bebida e ficando solitário. Procurou retornar ao bar para conversar, mas quando via, estava profetizando verdades e dogmas religiosos, fazendo lembrar o pai, que está sempre repetindo histórias de heróis bíblicos e avatares que têm a sorte de se comunicar com Deus. "Lá no bar eu não falava de mim, das minhas questões, das minhas prioridades, das minhas emergências, carências, insuficiências, brechas, crateras, fraturas e dos meus vazios". Acrescenta que vai ao bar "morejar" sobre os problemas. Pontuo: morejar? "Sim, eu fico hibernando as idéias, carpindo os pensamentos no copo de cerveja". Carpindo? "É! Carpir é acompanhar todo o ritual do cadáver, velar o corpo, orar por sua alma, receber as condolências, até sepultá-lo. Qualquer projeto tinha de ser carpido ali, eu ia escrevendo e bebendo até ficar embriagado, inconsciente, esquecendo tudo".

Associando livremente, Marcos traz dados de sua história, até que, em uma sessão, mostrando-se assustado, falou de algo diferente que ocorrera no bar, ao ver uma moça que servia

bebidas de uma forma especial. "Ela recolhia as garrafas vazias enfiando os dedos nos gargalos". Ele diz que se sentiu fascinado por essa imagem, pelo ato de penetração, descrevendo a moça como sensual, interessante, magra e clara. Clara? "Sim, clara, assim como você". Corto a sessão nesse momento, e ele volta na seguinte dizendo que sempre retorna àquele bar para verificar se ela está lá. "Voltei ao posto de observação, como um *voyeur*, voltei ao lugar do crime, procurando avaliar essa obsessão que não me larga. Acho que são impulsos infantis". Ele se critica: "Você, um cara de meia idade, com esse tipo de obsessão, que não é atração física, intelectual, nem tesão arrebatador". Marcos comenta que necessita atender a alguma carência dessa pessoa, dizendo que ela precisa ser protegida. Protegida? "É, surgiu como hipótese". Nesse momento, justifica que precisa interromper o tratamento, por impossibilidade financeira. Dias depois, deixa na recepção do consultório presentes para a analista: um vidro de perfume e bombons, acompanhados de um bilhete de agradecimento pelo carinho e pela atenção que lhe dispensei. Aqui, o amor de transferência vem como resistência, em que a demanda de saber aparece como demanda de amor erotizada. Telefono para ele convocando-o a retornar, e embora relute, acaba concordando. Ao voltar, fala da moça do bar, da claridade e da luminosidade que ela passa, interrogando-se e lançando hipóteses sobre sua identificação com ela, achando que essa luz está dentro dele e que ele precisa protegê-la, passando a indagar: "Será que ela está bem? Será que está passando necessidades? Posso ajudá-la? Será isso um sentimento filial?". Relaciona sua fantasia de proteção ao supor que ela trabalha no bar ganhando pouco. Acha que esse fascínio por ela também lembra a história de sua infância, da Cinderela humilde, coitadinha, trabalhando, até que chega o príncipe encarnado por ele, com o sapatinho que vai experimentar para ver se entra. Ver se entra? Ele diz que falou de propósito, lembrando que não gosta de calçar meias em ninguém, associando essa história à sua dificuldade de penetrar uma mulher, comparando seu pênis a um estilete, uma coisa perfurante que pode machucar. "É bem sintomático, essa coisa de enfiar, era difícil e tormentoso penetrar uma mulher".

Marcos descreve sua "imagística e mitologia romântica", deslocando-se do pai ao príncipe generoso, inebriado pela poção do amor, que chama de "iconografia medieval", afirmando "que é o príncipe quem leva a princesa em uma viagem perigosa, porque ela é a pretendida do rei mas, na verdade, ele é um cavalheiro cheio de nobres sentimentos que está doido para

transar com a princesa". Está doido para transar? Ele diz que esse é o caso de Lancelot e do rei Arthur, em que se dá a transgressão amorosa no plano do relacionamento entre um homem e uma mulher. Marcos acha que pode estar projetando nessa moça suas mitologias, quando vai do lar ao bar, permitindo-se transgredir onde não terá uma relação familiar. Diz que ia para o bar para beber bastante vinho, mas atualmente afirma que não apresenta mais essa compulsão para beber, não precisando mais do álcool.

Além disso, Marcos se dá conta da fala castradora e dos atos coercivos do pai, que aquilo que achava cômico na verdade lhe fazia mal, determinando suas ações. "Se eu pegasse um martelo e errasse, ele falava: 'Você não sabe nada! Você não tem coordenação motora". Hoje, diz estar mais consciente disso, e já consegue até dirigir.

No início do tratamento, Marcos trazia relatos de sonhos em que sempre estava fugindo da polícia, como um menor infrator, mas uma mulher lhe deu a dica para escapar: "Em um jogo de criança, eu acionava uma manivela e o bonequinho levantava, podendo ganhar ou perder, mas ele acabou ganhando muita grana. Pensei no sonho, agora estou livre da lei, da polícia, ela não me agarra mais, estou até dormindo melhor". Atualmente, questiona as convicções de seu pai e as verdades da bibliografia teológica, afirmando que hoje sua religião é a da dúvida, do não-contentamento, da pergunta, porque as respostas acabam mas as perguntas permanecem: "Estou reinando sobre a dúvida. Quer um exemplo: quem sou eu?". Diz que agora procura ler sobre os filósofos, identificando-se a Nietzsche, nomeando-se um "iconoclasta, um destruidor de mitos e imagens", levando-o a provocar e questionar as concepções das pessoas que o cercam.

considerações teóricas

Observamos nesse caso os fenômenos intra-subjetivos característicos da neurose obsessiva. Beber não fazia questão para Marcos, até deparar-se com as dívidas, com a justiça, com a lei simbólica, que vem desencadear forte angústia e culpa ao perceber sua omissão diante dos fatos em que estava implicado, como "co-gestor" da situação.

Em suas associações, evidencia sua procrastinação, indicando como é difícil agir, concretizar e "perpetrar" seus planos, que continua adiando. Ele contabiliza e compila dados, enumera idéias, lança e verifica hipóteses, faz relatórios o tempo todo, revelando sua "iconografia mental", como expressa, ou

seja, os labirintos tortuosos de sua mente, em que se mostra escravo dos pensamentos, prevalecendo o deslizamento metonímico.

Inicialmente, aprisionado aos significantes mestres (S_1), aos imperativos superegóicos, representados não só pelo Outro paterno e materno, mas também pelos mestres religiosos, Marcos repetia as verdades instituídas, alienantes, não sabendo nada sobre seu desejo. Mas ele é capturado pela pulsão escópica, pelo objeto olhar, pelo qual fica fascinado, e então aparece a questão do desejo.

Na análise, Marcos procura se desvencilhar das verdades impostas pelos mestres encarnados por teólogos nos quais buscava compulsivamente um saber. Em sua "bibliofilia", Marcos se apresenta instalado no discurso do mestre, evidenciando a dialética do senhor e do escravo em que ora se coloca como pastor, encarnado a lei de Deus ao "pregar" nos bares, ora se apresenta escravizado das certezas dos versículos e mandamentos bíblicos, nos quais verdades absolutas lhe eram impostas.

Segundo Freud, em sua correspondência com Fliess, na etiologia da neurose obsessiva o encontro com o sexo é prazeroso mas se acompanha da auto-recriminação, tendo como conseqüência a culpa pela experiência proibida. "A obsessão traz ao mesmo tempo a lei e sua transgressão, o gozo e sua condenação", como afirma Quinet[5]. A experiência sexual de prazer da infância de Marcos adquire no *a posteriori* uma conotação condenável que se desloca para seus atos, daí sentir-se imobilizado, pois passar ao ato, isto é, "perpetrar" seus pensamentos, equivale a realizar uma ação criminosa. Embriagado pelas palavras, pelo simbólico, seus atos sucumbem na ruminação mental e, em sua solidão, compartilha com a bebida o gozo do pensamento. Durante muito tempo a garrafa de cerveja foi a parceira ideal de suas frustrações e aspirações, "o casamento feliz", como indica Freud[6]. Marcos vai com projetos para o bar, seu alcoolismo é uma tentativa de anestesiar e anular o gozo do crime, apagando a memória e a consciência, desaparecendo como sujeito.

Ao se sentir um "criminoso", portador de um pênis "estilete" que pode machucar a mulher, afasta-se do objeto causa de desejo para não "perpetrar", ou seja, realizar um ato condenável que o deixaria culpado. É na análise, por meio da neurose de transferência, quando aparecem as resistências, que ele pode atualizar e elaborar a experiência traumática. Presenteando a analista e interrompendo o tratamento ele recua, tentando "protegê-la" e, desse modo, anular suas fantasias agressivas associadas ao gozo da penetração que estavam veladas em seu vício.

[5] Quinet. *Zwang und Trieb.* Sintoma obsessivo, com-pulsão à repetição (1997, p.68).

[6] Freud. Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (1912, p.171).

Insatisfeito com a "rainha do lar, com a mãe zelosa", Marcos procura uma mulher que lhe demande e que possa satisfazer seu desejo a contrabando. Seu alvo mudou, continua indo ao bar, não mais para beber, mas para focalizar seu objeto causa de desejo, "a pérola do olhar", como diz ele, uma imagem "clara", fascinante e idealizada que criou. Ele a vê, mas é nela que ele se vê, ficando nesse jogo de espelhos e imagens em que o que vê é sua própria imagem refletida no espelho, representada por ela, a quem ama narcisicamente. É ela, no lugar de objeto *a*, mais-de-gozar, que o faz sair da inércia, da pulsão de morte, que o faz despertar da embriaguez mortífera, repetitiva, para poder lembrar, sonhar e fantasiar. Construir uma história na qual o outro está presente, a quem pode endereçar e reabrir a questão sobre seu desejo (*che vuoi*)[7]. "O que o outro quer de mim? O que Cinderela quer de mim? Ela precisa de proteção, de amor?", questiona Marcos diante da emergência da libido, com toda sua luminosidade. Ele segue a mulher por todos os cantos como um bom *voyeur*, e de longe a admira, enquanto diz: "Não é sexo não, é diferente", negando seu desejo, que permanece na ordem do impossível. Em suas fantasias, Marcos procura uma mulher que possa proteger e botar seu pênis, "colocar o sapatinho", como em seus sonhos de criança, no que vemos que a articulação significante substitui a relação sexual. Os significantes copulam.

[7] Lacan. A subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano (1958/1966, p.829).

Ao se deslocar da "acidez profética" do discurso do mestre, questionando os imperativos categóricos vindos do Outro, Marcos passa da coerção do pensamento à dúvida e, na "doçura do romantismo", busca um mestre (analista) que lhe dê um saber sobre a verdade de seu gozo, já que a barreira do recalque o impede de ter acesso a esse saber. Assim, o analisante, ao não encontrar um mestre encarnando o saber, nem um sujeito das paixões no lugar de agente do discurso do analista, passa a produzir e a destituir os significantes que o martirizavam, determinando sua vida. E o desejo de saber sobre a questão sexual, sobre a relação entre um homem e uma mulher, se transforma na busca de uma investigação epistemológica.

Com a análise, Marcos rompe o casamento com a garrafa de cerveja, trocando-a pela mulher, interessante e "clara", objeto agalmático, que tem a ver com a analista "clara", que é o mesmo significante que ele transfere, identificando-o à moça do bar, associando à claridade e à luminosidade que o deixou capturado. É à sua nova parceira que endereça seu sintoma, buscando um saber que retorna como enigma que ele procura decifrar, construindo lendas e mitos para semidizer sua verdade.

É a emergência do sujeito dividido por seu desejo que sinaliza a histerização do discurso, na qual o sintoma será o comandante da viagem analítica.



referências bibliográficas

BENTES, Lenita & GOMES, Ronaldo Fabião. O brilho da inFelicidade. In: *Artigos diversos.* Rio de Janeiro: Kalimeros, 1998.

FREUD, Sigmund. (1896) Rascunho K: As neuroses de defesa (Um conto de fadas natalino). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. I.

FREUD, Sigmund. (1909) Notas sobre um caso de neurose obsessiva. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. X.

FREUD, Sigmund. (1912) Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor. (Contribuições à psicologia do amor II). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XI.

FREUD, Sigmund. (1913) A disposição à neurose obsessiva. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XII.

FREUD, Sigmund. (1914) Sobre o narcisismo: uma introdução. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XIV.

FREUD, Sigmund. (1916) Conferência XVII: O sentido do sintoma. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XVI.

FREUD, Sigmund. (1916[1925]) Inibições, sintomas e angústia. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XX.

FREUD, Sigmund. (1920) Além do princípio do prazer. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XVIII.

FREUD, Sigmund. (1937) Construções em análise. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XXIII.

LACAN, Jacques. (1953) Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1953) *O mito individual do neurótico.* Lisboa: Assírio e Alvim.

LACAN, Jacques. (1958) A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1958) A subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. O *seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1963-1964).* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

LACAN, Jacques. O *seminário – livro 17: O avesso da psicanálise (1969-1970).* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 20: Mais, ainda (1972-1973).* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, Jacques. Conferencia en Ginebra sobre el sintoma. In*: Intervenciones y textos 2.* Buenos Aires: Manantial, 1975.

QUINET, Antônio. *A clínica dos discursos.* Seminário inédito proferido nas Formações Clínicas do Campo Lacaniano. Rio de Janeiro, 1999/2001.

QUINET, Antônio. *A descoberta do inconsciente. Do desejo ao sintoma.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

QUINET, Antônio. *As 4 + 1 condições de análise.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

QUINET, Antônio. Da histeria ao discurso do analista em Jacques Lacan. In: *Psicanálise e suas conexões.* Rio de Janeiro: Imago, 1993.

QUINET, Antônio. *Zwang und Trieb.* Sintoma obsessivo, com-pulsão à repetição. In: O*s destinos da pulsão.* Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1997.

RIBEIRO, Maria Anita Carneiro. Histeria e discurso em Jacques Lacan. In: *A psicanálise e suas Conexões.* Rio de Janeiro: Imago, 1993.

RIBEIRO, Maria Anita Carneiro. *Neurose obsessiva.* In: *Artigos diversos.* Rio de Janeiro: Letter Editora, 1992.

RIBEIRO, Maria Anita Carneiro. *Um certo tipo de mulher: mulheres obsessivas e seus rituais.* Rio de Janeiro: Rio Ambiciosos, 2001.

resumo

O discurso do analista é o avesso do discurso do mestre, como diz Lacan em *O seminário – livro 17*. É o discurso da destituição dos significantes mestres, dos S_1, da lei imperativa que aliena o sujeito. Nesse discurso, o analista, como objeto *a*, é o agente que transforma seu analisante histerizado em produtor de significantes de sua particularidade, ou seja, ele está presente como objeto que faz falar, promovendo o giro dos discursos, como ensina Antonio Quinet no *Seminário sobre a clínica dos discursos*. É o que pretendo ilustrar, apresentando recortes de um caso de minha clínica que apresenta os fenômenos intra-subjetivos característicos da neurose obsessiva.

palavras-chave

discurso, histerização, neurose, obsessiva, desejo

abstract

The analyst's discourse is the opposite of the master one, as say Lacan in the 17 Seminar. It is the dismissal discourse of the master significants, of the S_1, of the imperative law which alienates the subject. In this discourse the analyst, as object *a*, is the agent that transforms a hysterical patient in producer of significants of his own particularity, that is, the analyst who is present like an object that makes speak, promoting the turn of the discourses, as teach us Antonio Quinet, in the *Seminar about the clinic of the discourses.* It is what I intend to illustrate through pieces of a case of mine that shows us the typical intra-subjective phenomena of the obsessive neurosis.

keywords

discourse, mysterisation, neurosis, obsessive, desire